

# ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM DA UFBA

---

## GENDER'S STEREOTYPE AND PREJUDICE AMONG NURSING STUDENTS OF UFBA

Erica Jordane de S. Parga<sup>1</sup>  
Jimi Hendrex Medeiros de Sousa<sup>1</sup>  
Maria Conceição Costa<sup>1</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lúcia Ferreira<sup>2</sup>

Entende-se por preconceito de gênero, as atitudes sociais que discriminam as pessoas de acordo com o seu sexo. Em geral, as mulheres são mais afetadas através de idéias, palavras e atos, determinando diferentes comportamentos sociais quando comparadas aos homens. Os preconceitos de gênero variam de acordo com o momento histórico e a cultura de cada local, e a sua identificação auxilia na superação dos mesmos. O objetivo desta pesquisa foi identificar estereótipos e preconceitos de gênero em alguns aspectos da vida social (trabalho, comportamento, linguagem e religião), entre estudantes de enfermagem. Foram entrevistados, com roteiro semi-estruturado, 76 alunos da graduação, regularmente matriculados na Escola de Enfermagem da UFBA, aleatoriamente escolhidos entre os diversos semestres. A análise dos dados revelou que as profissões podem ser exercidas por homens e mulheres, dependendo apenas da capacidade de quem as exerce. Entretanto, discriminam atividades masculinas e femininas em cada uma. Identificou-se a existência de estereótipos e preconceitos sexistas relacionados ao trabalho, à religião e a outros aspectos da vida social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito de gênero. Enfermagem.

*Gender's prejudice concerns the social attitudes that look down on the people according to their sex. In general, women are more affected by ideas, words and actions, determining different social behavior when compared to man. Gender's prejudice varies according to the historical moment and the local culture, and its identification helps in its overcoming. The objective of the research was to identify gender's stereotype and prejudice in some aspects of the social life, among nursing students. The sample, consisted of 76 nursing students of EEUFBA, chosen at random, considering as criteria that they were regularly registered in the nursing course. The data collection was through questionnaire with objective and subjective questions. The data analysis demonstrated the existence of the stereotype and sexist prejudice related to work, religion and other aspects of the social life.*

**KEYWORDS:** *prejudice, gender, nursing.*

---

<sup>1</sup> Aluna(o)s do Curso de Graduação em Enfermagem da UFBA, Bolsistas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Departamento de Enfermagem Comunitária, Pesquisadora do GEM- Grupo de Estudos sobre a Saúde da Mulher.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo identificar estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem, em alguns aspectos da vida social (trabalho, comportamento, linguagem e religião). A construção do mesmo teve início a partir de uma atividade didática, o *caderno temático*, realizada como exercício introdutório de pesquisa pelos alunos de iniciação científica. A tarefa consistiu na *observação sistemática* de fatos da vida cotidiana, bem como na *leitura de jornais e revistas* sobre determinado tema, pelo período de uma semana. Após o período de observações diárias e respectivo registro escrito, houve uma primeira discussão e sistematização das idéias. O segundo passo consistiu na pesquisa bibliográfica sobre o tema, com sessões de discussão. Após este período de sensibilização, leituras e reflexões que durou em torno de 06 semanas, o grupo estava apto a elaborar o projeto de investigação. O tema escolhido foi estereótipos e preconceito de gênero; os aspectos da vida social que mais se destacaram durante o exercício foram: trabalho, comportamentos, linguagem e religião. A escolha do tema a ser investigado decorreu da constatação do ingresso crescente de homens no curso de enfermagem, nos últimos cinco anos<sup>3</sup>.

Neste estudo, dá-se destaque aos estereótipos e preconceitos de gênero, por se constituírem em um conjunto de valores, idéias e opiniões socialmente construídas, que reproduzem desigualdades em função do sexo.

Os estereótipos e preconceitos, de acordo com Melo (1975), são repassados através das várias instituições. A educação escolar transmite e reforça padrões de comportamento estereotipados, reproduzindo as desigualdades de condições e oportunidades que existem entre homens e mulheres na nossa sociedade, quase sempre em prejuízo das últimas.

Toda e qualquer forma de preconceito dificulta a ascensão social dos grupos, já que defi-

nem padrões, muitos dos quais aceitos como naturais, que impedem a livre mobilização na sociedade e o alcance de uma cidadania plena.

As diversas expressões sociais dos estereótipos, preconceitos e suas conseqüências para a vida das pessoas têm se constituído campo de estudos nos últimos anos, motivado pelos diversos movimentos sociais. O movimento feminista tem denunciado e elaborado proposições teóricas e práticas para a sua superação. Do mesmo modo, o movimento negro, o de homossexuais e tantos outros, têm também buscado formas de superação das desigualdades a que estão sujeitos.

O preconceito de gênero refere-se a atitudes sociais que diminuem ou excluem as pessoas de acordo com o seu sexo. Em geral as relações sociais são afetadas por estereótipos e preconceitos, envolvendo atitudes que afetam o comportamento, e freqüentemente, nem são percebidas.

De acordo com os estereótipos sexistas, são atribuídos às mulheres qualidades e atributos diferenciados em relação aos homens. Nesta distribuição, a balança é desigual: os valores considerados por nossa sociedade como positivos para o sexo masculino (coragem, inteligência, auto-afirmação, competência profissional, gosto pelo perigo e pela aventura, espírito de iniciativa e eficiência) não se aplicam as mulheres, representadas como desprovidas dessas qualidades, ditas "viris". As qualidades consideradas "femininas" – sensibilidade, delicadeza, dedicação, submissão, doçura, subjetividade – provoca, ainda hoje, muita desigualdade, o que pode ser verificado quando se analisa as oportunidades de trabalho, de ascensão social, de ocupação de cargos de poder, etc.

## ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO NA ENFERMAGEM

Historicamente, a enfermagem tem sido caracterizada como profissão feminina, porque é exercida majoritariamente por mulheres e porque o cuidado, objeto prioritário dessa profissão, tem

<sup>3</sup> Em 1999 foi realizada a pesquisa "homens em profissões femininas" com alunos de iniciação científica, apresentado no seminário estudantil de pesquisa.

sido tradicionalmente de responsabilidade social também das mulheres. Esta dupla determinação e o seu conseqüente reconhecimento, tem sido objeto de polêmicas. Onde existe grupos de estudos com influência feminista, percebe-se claramente a diferenciação de postura, provocada por uma consciência de gênero, quando os estudos e práticas reafirmam a necessidade de delimitação de espaços femininos, mesmo com a presença crescente de homens. Observa-se em outras realidades a influência crescente de uma posição que defende o ingresso de homens como forma de reconhecimento e valorização profissional, já que o comportamento masculino (objetivo, empreendedor e criativo) poderia trazer ganhos e vitórias inequívocas à profissão.

Não se trata, na verdade, de um duelo *ou guerra dos sexos*, pois o ingresso de homens em espaços femininos pode estar revelando uma outra tendência. Se levarmos em conta as dificuldades estruturais como o desemprego, o abandono, a violência, o fato do aumento crescente das mulheres nas chefias de família, pode-se inferir que há uma transformação substancial em curso, relacionada ao comportamento masculino, onde a sensibilidade e o cuidado passam a fazer parte de suas vidas. Por certo, o fato de um número crescente de homens estarem dividindo algumas atividades domésticas, como o cuidado com as crianças, o lazer ou mudando seus hábitos de estética corporal (prerrogativa exclusiva de mulheres por longo tempo) ou, ainda, participando de grupos de vivências, pode estar, até certo ponto, mudando a forma de pensar dos jovens que ingressam nessas carreiras.

## METODOLOGIA

Para identificar os estereótipos e preconceitos de gênero, foram eleitos alguns aspectos da vida cotidiana que pareceram mais apropriados: trabalho, comportamento, linguagem e religião.

Neste estudo, as(os) alunas(os) são informantes essenciais para se tentar estabelecer uma re-

lação teórico-prática mais próxima da realidade. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, utilizando-se um roteiro com perguntas abertas e fechadas. O critério de inclusão foi estar regularmente matriculado na graduação e aceitar fazer parte da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com alunos de todos os semestres e de ambos os sexos. Foram realizadas 76 entrevistas (no período de 29 de maio a 15 de setembro de 2000), sendo 11 do sexo masculino e 65 do sexo feminino.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados de caracterização identificaram em relação à procedência, 42 aluna(o)s da capital, 32 das cidades do interior da Bahia e 2 de outros estados; 85,5% do sexo feminino e 14,2% do sexo masculino. A maioria (51,3%) encontra-se na faixa etária entre 22 e 26 anos, seguido de 32,9% entre 18 e 22 anos.

### **Os Estereótipos e Preconceitos em Aspectos da Vida Cotidiana: O Trabalho**

A divisão sexual do trabalho qualifica e designa atividades de homens e mulheres no contexto da vida social. O espaço público, onde são desenvolvidas as atividades produtivas (o trabalho produtivo), têm sido tradicionalmente colocado como espaço masculino, enquanto o espaço privado ou do domicílio, onde se desenvolvem as atividades reprodutivas, têm sido colocado como próprio e natural da mulher, dada a sua condição de reprodutora biológica da espécie humana.

Neste estudo, foram identificadas algumas profissões, que se desenvolvem em espaços tradicionalmente reconhecidos como masculinos e femininos, para traduzir as expressões relacionadas ao trabalho.

Ao se analisar as respostas relativas às profissões segundo o sexo, verifica-se que a maioria

**QUADRO 01 - DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O SEXO.**  
SALVADOR- BAHIA, 2000.

TRABALHO	PREDOMINANTE FEMININO (%)	PREDOMINANTE MASCULINO (%)	SEM DISTINÇÃO DE SEXO (%)
Medicina	2,6	5,3	92,1
Direito	-	7,9	92,1
Administração	3,9	11,8	84,2
Processamento de dados	-	19,7	80,2
Enfermagem	25,0	-	75,0
Engenharia	-	30,3	69,7
Nutrição	32,9	-	67,1
Pedagogia	28,9	-	71,0

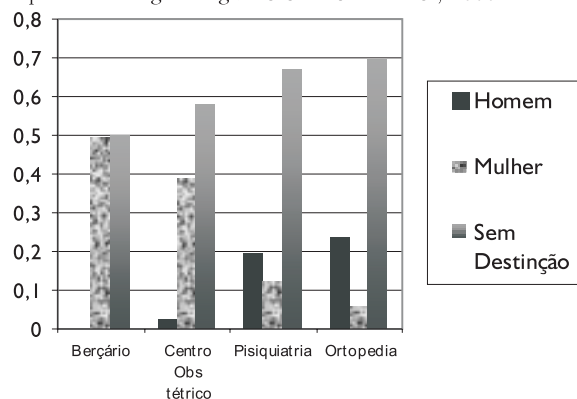
Fonte: coleta de dados

da(o)s entrevistados afirmaram que essas profissões podem ser exercidas tanto por homens quanto por mulheres, principalmente Medicina (92,1%), Direito (92,1%) Administração (84,2%), Processamento de Dados (80,2%) e Enfermagem (75%).

As profissões reafirmadas como “guetos femininos” são: Nutrição (32,9%), Pedagogia (28,9%), Enfermagem (25%); são masculinas: Engenharia (30,3%), Processamento de Dados (19,7%) e Administração (11,8%)

O fato da maioria das profissões estarem sendo reconhecidas como podendo ser exercidas por ambos os sexos pode significar a negação da existência de profissões socialmente reconhecidas como femininas e masculinas. De certo modo, as contradições começam a ser explicitadas quando se investiga, na profissão de enfermagem, as atividades que podem ser desenvolvidas por homens e mulheres.

**Gráfico 1 - Distribuição das atividades desenvolvidas pela Enfermagem segundo o sexo. Salvador, 2000.**



atividades desenvolvidas segundo o sexo dos entrevistados

responderam que ambos os sexos podem exercê-las de forma igual. Porém, 50% dos alunos referiram que a atividade de assistência ao recém-nascido, em berçário, é melhor desempenhada por mulheres, assim como a assistência em centro obstétrico (39,5%), enquanto as atividades de assistência ao paciente em psiquiatria (19,7%) e ortopedia (23,7%) seriam melhor desenvolvidas por homens.

Essa distribuição das atividades reafirma os estereótipos sexistas em relação ao que se considera como próprias de homens e de mulheres, já que as atividades em que tradicionalmente são necessários esforços físicos e força muscular, continuam sendo reconhecidas como próprias do homem. Ao contrário, as atividades relacionadas ao nascimento e cuidado da criança são reafirmadas como da mulher.

Quanto à remuneração diferenciada de homens e mulheres nos mesmos postos de trabalho, todos os graduandos entrevistados responderam que ambos os sexos devem receber a mesma remuneração, tendo em vista que têm direitos iguais, e atualmente não só os homens são chefes de família. Isto pode ser observado nas seguintes falas:

“Não considero que existe um chefe de família. E quando um trabalho é desenvolvido por um homem ou uma mulher não deveria existir diferenças salariais quando suas funções são as mesmas”. (H, 6º semestre).

“Atualmente o nome chefe de família não estão designados somente para os homens. Também sabemos que hoje os direitos das mulheres são iguais aos dos homens.” (M, 7º semestre).

Estas afirmativas refletem as lutas feministas na conquista do espaço das mulheres no âmbito do trabalho, apesar dos estudos sobre a PEA (População Economicamente Ativa) ainda revelarem diferenças. Do mesmo modo, Sardenberg e Costa (1993) afirmam que a inserção feminina no mercado de trabalho revela a diferença sala-

rial das mulheres em relação aos homens, quando exercem a mesma profissão, uma vez que os salários femininos continuam inferiores.

O ingresso de homens na enfermagem tem sido discutido como um elemento que possibilitaria maior reconhecimento social à mesma. Com relação a esta afirmativa, 72,4% dos entrevistados afirmaram que o prestígio da profissão *não* é consequência do sexo de quem a exerce, mas da qualificação de seus profissionais, como é observado nos seguintes relatos:

“O prestígio de cada profissão é consequência da capacitação teórica e prática de cada profissional nela inserida o que independe do sexo.” (M, 6º semestre).

“O prestígio de uma profissão não depende do sexo das pessoas que a desenvolve, mas da competência dos profissionais independentemente do sexo, raça e cultura.” (H, 6º semestre).

Apenas 27,6% dos entrevistados responderam que o ingresso de homens na profissão representaria sua valorização, tendo em vista que a enfermagem é eminentemente feminina. Aspectos dessa natureza são discutidos nos estudos referentes à atividade do cuidar, que historicamente é inerente à mulher.

“A enfermagem é muito discriminada por ser uma profissão eminentemente feminina, por ser um dom da mulher o cuidar...” (M, 6º semestre).

“... a sociedade vê a enfermagem como vocação e não como profissão. A entrada de homens nela ajudará a desmistificar este preconceito.” (M, 6º semestre).

Com relação à gerência do trabalho, aqui representada pela capacidade de liderança, esta é identificada como uma atividade que pode ser desenvolvida tanto pelo homem como pela mulher, desde que os mesmos estejam capacitados para exercê-la.

“Qualquer ser humano qualificado pode desenvolver habilidades de liderança.” (M, 3º semestre).

“A liderança é exercida quando exercitada. E para isso, é preciso que o homem e a mulher se empenhem neste exercício de liderança.” (M, 7º semestre).

“Liderança independe de sexo.” (M, 6º semestre).

## OS COMPORTAMENTOS

Alguns comportamentos sociais foram investigados, para identificar a presença ou não de estereótipos e preconceitos de gênero: piadas, opções sexuais, linguagem, e relação professor/aluno em sala de aula.

Observa-se que a maioria (61,8%) respondeu não gostar de piadas que demonstrem discriminação contra a raça e o sexo:

“Não sou racista.” (M, 5º semestre).

“As pessoas são iguais independente de cor e sexo.” (M, 3º semestre).

No entanto, 21% dos entrevistados responderam que depende da circunstância, do tipo de piada, pois as consideram uma brincadeira, que é apenas um momento de descontração e não se atentam para a repercussão social de reprodução de comportamentos racistas/sexistas.

“Infelizmente, estamos tão impregnados de atos racistas que nem damos conta que a piada foi um ato de racismo.” (M, 8º semestre).

“São apenas piadas, ou seja brincadeiras. Porém não sou a favor de piadas ofensivas.” (M, 6º semestre).

Ainda 1,3% dos entrevistados responderam que gostam deste tipo de piada, como demonstra o relato:

“Gosto. Não porque a piada é racista ou sexista, mas sim porque através das piadas o

ser humano tem coragem de falar, liberdade de expressão, mesmo sendo racistas ou sexista.” (M, 7º semestre).

Quanto à discriminação relacionada à opção sexual, 75% da(o)s entrevistada(o)s responderam que não discriminam as pessoas que fazem qualquer tipo de opção sexual, reconhecendo o direito à liberdade de escolha do parceiro e que, por isso, não devem sofrer qualquer discriminação. Das respostas sobre a relação entre indivíduos do mesmo sexo, 25% atribuíram esta ocorrência a um distúrbio genético, distúrbio comportamental, resultado de proteção materna, ou todos os fatores citados juntos, reafirmando a contradição própria dos indivíduos sobre a aceitação social da homossexualidade:

“... a liberdade sexual é da escolha de cada um.” (M, 7º semestre)

“Entendo sexualidade como desejo íntimo a outro, seja este homem ou mulher.” (M, 8º semestre).

“... pela própria natureza humana.” (M, 3º semestre).

“... eu creio que este comportamento não agrada a Deus.” (M, 4º semestre).

Com relação à opção sexual de lésbicas e travestis, 14,4% e 17,1%, respectivamente, apresentaram comportamentos preconceituosos; a discriminação em relação a gays e bissexuais apresentou um índice menor. A discriminação sobre as lésbicas e travestis pode estar reafirmando a presença de comportamentos machistas, já que envolvem mulheres (no caso de lésbicas) ou a figura feminina, no caso dos travestis.

Em relação ao comportamento de professores em sala de aula, observou-se que 57,9% não consideram que os professores tratam diferentemente homens e mulheres; porém 30,3% afirmaram que, às vezes, verifica-se esta diferença no tratamento, principalmente no que diz respeito à realização de tarefas manuais, para as quais os homens são sempre solicitados, como reflete o relato:

“Quando é preciso força física, é solicitada a ajuda masculina.” (M, 5º semestre).

“No curso de enfermagem os homens geralmente recebem algum tipo de destaque por parte dos professores, por ser tão poucos os homens em nosso curso.” (M, 4º semestre).

Ainda que a maioria dos(as) entrevistados(as) tenha afirmado que a enfermagem é uma profissão que pode ser exercida por ambos os sexos e que o ingresso de homens na profissão não irá trazer mais prestígio, ainda assim, às vezes, verifica-se uma diferença no tratamento dos professores com alunos, homens ou mulheres.

## LINGUAGEM

A língua portuguesa estabelece regras gramaticais que definem o uso genérico do masculino, sempre que exista a presença de, pelo menos, uma pessoa deste sexo. Estas regras favorecem a reprodução de valores, atitudes e comportamentos desiguais, privilegiando a presença do homem; assim, o idioma e suas regras têm justificado a reprodução de desigualdades de gênero no meio social, já que suas regras são colocadas como imutáveis.

Quando se analisa as respostas relacionadas à linguagem, observa-se que 47,4% da amostra respondeu que, às vezes, utiliza linguagem no masculino, mesmo sem a presença de homens no espaço e 6,6% respondeu sim a pergunta, afirmando que o uso da linguagem no masculino para referir-se a um grupo é algo histórico e culturalmente estabelecido na sociedade; consideram menos ofensivo falar no masculino do que no feminino, tendo como base a regra gramatical. O fato de ser considerado “uma ofensa” o tratamento no feminino, mesmo em presença de maioria de mulheres, indica o quanto a sociedade, através da linguagem, pode reafirmar comportamentos sexistas.

“Geralmente o que ganha é a maioria.” (M, 6º semestre).

“Porque nos foi imposta pela sociedade.” (M, 5º semestre).

“Porque a gramática nos ensina assim.” (M, 3º semestre).

## RELIGIÃO

As religiões também têm sido apontadas como espaço de reprodução de relações sexistas e desiguais entre mulheres e homens, favorecendo sempre os últimos. As questões sobre este assunto, dirigida as(o) entrevistadas(os) tentam identificar essas diferenças.

Das respostas, 63,1% associam a imagem de Deus a um ser masculino, referindo-o como Pai e Criador. Isto relaciona-se à educação religiosa que receberam, já que a maioria é católica, aprendendo que Deus diz respeito a um ser masculino.

“Devido às religiões, porque quando criança somos obrigados praticamente a crer que Deus é uma figura masculina a exemplo o chamar de Papai do Céu.” (M, 3º semestre).

“Sempre nos foi mostrado deste jeito.” (M, 5º semestre).

“Tive uma criação católica, por isso nunca pensei numa figura de Deus feminina.” (H, 6º semestre).

Entretanto, 36,8% afirmaram que não associam Deus a um ser masculino ou feminino, por não crerem em Deus ou por não poderem defini-lo por uma imagem:

“Digo que não tenho religião porque creio em alguém que me defende. Ele ou Ela não é esse Deus que todos clamam.” (M, 8º semestre).

“Porque pode ser tanto feminina com masculina a imagem não é definida.” (M, 7º semestre).

Confirmando esta associação (Deus/masculino), 32,9% acreditam que cabe aos homens a liderança religiosa visto que é natural, pelo fato de sempre ter sido desta maneira, conforme mostra os depoimentos:

“Já estamos acostumados com isso...” (M, 3º semestre).

“Acostumei-me a ver a isso como natural...” (M, 6º semestre).

“Acho natural pois sempre foi assim...” (M, 5º semestre).

A maioria (61,8%), porém, acredita que os líderes religiosos, como representantes na terra, podem ser de ambos os sexos:

“Os líderes religiosos podem ser mulheres, pois estas têm a mesma capacidade de liderança.” (M, 3º semestre).

“As mulheres também podem desempenhar atividades de líder.” (M, 6º semestre).

Ao analisar as respostas a respeito das atividades que devem ser desempenhadas pelos membros da religião, observa-se 86,8% dos entrevistados indicaram que as atividades relacionadas ao ensino podem ser desenvolvidas tanto por homens como por mulheres; 10,5% acreditam que atividades de promoção de eventos são melhor exercidas por mulheres e 6,6% acreditam que por homens. Entretanto, as atividades relacionadas a limpeza e caridade são melhor realizadas por mulheres.

No que se refere à contribuição da religião no desprestígio da mulher na sociedade, 63,1% das(os) entrevistadas(os) relataram que a religião prega a submissão da mulher ao homem, conforme relatos abaixo:

“A religião muitas vezes prega a obediência feminina a seu esposo, além de ter uma grande capacidade de manipulação de massas e nossa sociedade ainda é machista.” (H, 6º semestre).

“Porque as mulheres sempre foram vistas como seres submissos aos homens.” (M, 5º semestre).

Entretanto, 34,2% afirmam que não há contribuição da religião no desprestígio social da mulher e que a sua posição na sociedade é definida pela postura assumida por ela.

“O que contribuiu e contribui para o desprestígio da mulher é a sua postura diante da situação.” (M, 4º semestre).

Com relação à opção sexual do indivíduo e à posição da religião quanto a esta, 90,8% das(os) depoentes não concordaram com a exclusão de um indivíduo de sua religião pelo fato da sua opção sexual ser considerada diferente do que é estabelecido como “normal”, segundo o que é exposto nas falas a seguir:

“As religiões deveriam respeitar a opção sexual de cada indivíduo.” (M, 7º semestre).

“... discordo de certas religiões que tentam reprimir atitudes homossexuais e bissexuais...” (H, 6º semestre).

“A religião não pode interferir na escolha sexual das pessoas.” (M, 3º semestre).

Apenas 7,9% afirmaram que a escolha da opção sexual, não sendo heterossexual, possivelmente não agrada a Deus, como demonstra o relato abaixo:

“... esse comportamento não pode agradar a Deus.” (M, 4º semestre).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram entrevistados 76 estudantes de enfermagem, sendo 65 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com predominância da faixa de 22 a 26 anos, 32 do interior e 42 da capital.

A análise dos estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem indicam:

- Em relação ao trabalho, a maioria dos entrevistados acredita que as profissões citadas (Medicina, Direito, Administração, Processamen-



to de Dados, Enfermagem, Pedagogia, Nutrição e Engenharia) podem ser exercidas por ambos os sexos. Apesar deste fato, identificaram profissões em que algumas de suas atividades apresentam características femininas e masculinas.

- Em relação à Enfermagem, a maioria identifica que as atividades associadas a obstetrícia e berçário são melhor desempenhadas pelas mulheres.

- Não foram identificados comportamentos discriminatórios quanto a piadas e opções sexuais.

- Observa-se a opção de uso do masculino genérico, mesmo em presença de mulheres.

- As entrevistas identificaram diferenças no tratamento de professores em sala de aula para homens e mulheres.

- Quanto à religião, há identificação de Deus com a figura masculina, e as entrevistadas afirmaram que a religião contribui para o desprestígio da mulher na sociedade.

- Identifica-se que várias atividades religiosas (limpeza, ensino, caridade e promoção de eventos) são desempenhadas por homens e mulheres de modo diferenciado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, Guiomar Namó de. Os estereótipos sexuais na escola. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.15, p. 141-144, 1975.

SARDENBERG, Cecília M.B.; COSTA, Ana Alice A. Feminismos e Feministas. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v.6, n.2, p. 5-29, out. 1993.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FERREIRA, Nilza Teves. As idéias de Cidadania e de Estado. In: \_\_\_\_\_. **Cidadania: uma questão para a Educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.15, p.29-43, 1975.

\_\_\_\_\_. Contribuições da psicologia contem-porânea para a compreensão do papel da mulher. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.15, p.145-159, 1975.

NASCIMENTO, Enilda Rosendo. **Gênero e Enfermagem**. Salvador, 1996. 100p.

PIRES, Denise. **Hegemonia Medicina na Saúde e a Enfermagem - Brasil: 1500 a 1930**. São Paulo: Cortez, 1989.